



NASCE METRÓPOLIS  
Edna Lúcia Rodrigues<sup>1</sup>

Livro: *Metrópolis*

Autor: José César Teatini Clímaco (ZèCésar)

Editora da UFG

Goiânia, 2008

Esta resenha (se é que deveria ter essa denominação) foge dos ditames dos manuais sobre a elaboração desse tipo de texto, por duas razões principais. A primeira é a seguinte: o resenhista deve ser alguém capaz de julgar criticamente a obra (não é meu caso); a segunda razão é a de que a resenha deve informar o leitor sobre o conteúdo do livro (definitivamente não sou capaz disso!).

Em face dessas peculiaridades, resta-me tão-somente historiar o livro que inaugura uma coleção voltada para o universo das artes. Tudo começou quando chegou à Secretaria do Conselho Editorial um livro até então *sui generis* para a Editora UFG: predominantemente marcado por imagens, tendo como suporte textos reflexivos, alguns deles eminentemente poéticos. As imagens que tinham sido objeto de uma exposição em Goiânia e Brasília foram construídas com papelão. “O papelão que vira lixo pode virar cidade”, constata o autor logo nas primeiras páginas.

No Conselho Editorial, como de praxe, indicaram um parecerista que, depois de algum tempo, assim se pronunciou:

A proposta do autor pode ser entendida dentro de três âmbitos distintos: o visual, o antropológico e o literário. Ainda que em um primeiro momento a

<sup>1</sup> Licenciada em Letras pela UFG.

leitura da obra se fixe no visual, nas belas imagens geradas por uma obra plástica criativa e sugestiva, esta perspectiva se amplia na medida em que as imagens passam a interagir com os textos – do autor e de outros autores – aportando um leque de reflexões e conjecturas que correspondem aos grandes desafios da cidade contemporânea.

Assim, a obra propicia leituras diversificadas, plurais. É território para a interpretação e reflexão da geografia da cidade e de seu cotidiano. *Metrópolis* se inscreve dentro de um marco especulativo sobre a condição humana e seu território. Segue os passos das *Cidades invisíveis* de Calvino, que por sua vez surge da brilhante e densa reflexão sobre as descrições das “viagens” de Marco Polo a Kublai Khan.

As cidades de Ítalo Calvino são “invisíveis”, reveladas por ele para cada leitor na medida em que a construção literária alimenta sua imaginação. As metrópolis de ZèCésar são construídas com apuro necessário a uma reflexão sobre o cotidiano urbano, suas paisagens, suas angústias e tensões. As indagações sobre a cidade são plurais e atemporais. São plásticas, estabelecendo sentido e forma para imagens construídas a partir daquilo que a própria cidade descarta.

As cidades de ZèCésar são de papel ondulado, um dos típicos refugos do consumo urbano. São quase gravuras, são quase colagens, são quase maquetes. Exploram alegórica e expressivamente a variabilidade e o circunstancial do cotidiano urbano. Esta exploração extrapola o plástico e, assim como em Calvino, adquire um tom quase didático. É obra de várias leituras.

Neste sentido entendo que a proposta para a publicação de *Metrópolis* seja acolhida por este conselho.

Ao ser aprovado o livro, um desafio se apresentava: como encaixar *Metrópolis* no catálogo da Editora UFG? Não era tão simples. Apoiando-se na política de coleções, o Conselho Editorial criou a *Artexpressão* com base na seguinte visão:

Muitas das publicações de obras sobre o universo das artes (teatro, dança, artes plásticas, fotografia, arquitetura etc.) ainda não saíram da condição dos catálogos distribuídos ao público por ocasião de exposições. Sem qualquer reflexão teórica, ainda não atingiram o *status* de livro e não podem pretender a tão desejada perenidade.

Diante dessa constatação, a Editora UFG cria a Coleção *Artexpressão*, que se alicerça em um planejamento cultural consistente e privilegia tanto a inovação quanto a tradição, no processo de seleção de títulos.

Os volumes da *Artexpressão* terão tratamento gráfico diferenciado, formatos variados, para abarcar as especificidades de cada uma das linguagens artísticas, e um texto bem cuidado, para fazer a sustentação do objeto livro.

Criada e homologada a coleção, deparava-se com a difícil tarefa de traçar-lhe as peculiaridades, e nesse propósito fervilharam ideias nas cabeças dos mais diversos profissionais. Projetos e mais projetos foram testados até chegar a este que o leitor pode folhear.

Pode parecer curioso, mas o trabalho numa editora é assim mesmo. Especialmente quando o livro representa um desafio. O responsável pelo projeto gráfico nunca se satisfaz com a fonte previamente escolhida, com o formato que o papel permite, com a gramatura do papel. Num dia, tudo parece encerrado. Na semana seguinte, porém, as linhas do texto até então contínuas se tornam

circulares, irregulares. Caóticas como a *Metrópolis* de ZèCésar. O projeto considerado pronto e acabado num dia já não satisfaz no dia seguinte. E em meio a tudo isso lá vem a responsável pela parte textual: quer que um pronome fique num lugar determinado, que o título tenha mais realce e que o nome do autor seja grafado de acordo com as normas da língua portuguesa. Onde já se viu um Zé com acento grave? Defensora da legalidade, argumenta: “E esse nome com dois acentos, tão afrancesado, para o Zé?” A situação se amaina quando ela, numa sinopse do livro, resolve compartilhar com o público o seu estranhamento: “ZèCésar (assim mesmo, com um acento grave e um agudo!)”. Esse ponto de exclamação resume – e encerra – a contenda.

Em meio a tudo, a diretora-geral cobra prazos, quer lançar a coleção, enquanto vários alucinados trabalham, sonham, sem qualquer resultado. Como é difícil fazer um livro de arte! As figuras do *Metrópolis* são ora reduzidas, ora ampliadas, ora recebem mais cor, ora são propositalmente desbotadas. E o casamento texto-imagem? Como o trabalho é sedutor, a fidelidade ao projeto previamente estabelecido nem sempre é mantida. A figura de destaque de ontem pode ser relegada a um plano inferior. A “outra” assume sua posição e seu esplendor. Mas, se ela – a figura – soubesse como é a concepção do primeiro volume de uma coleção destinada às artes, talvez se conscientizasse da fugacidade do seu posto.

O tempo passa e as dúvidas permanecem. Os cadernos que estruturam a montagem do livro não “batem”. Tem de haver exatidão na montagem. Duas folhas em branco comprometem o projeto. Disso todos sabemos. O responsável pelo projeto conta, reconta e... desiste. No dia seguinte, tudo recomeça. Uma nova ideia: a inclusão de folhas duplas!

Chega o prefácio. A professora prefaciadora, bem no espírito do livro, redige um texto cuja unidade é coerentemente tecida de fragmentos. Fala dos tipos de papel, das técnicas utilizadas pelo ZèCésar, da construção das metrópoles, da *Metrópolis*, da angústia provocada pela paisagem, tanto a do papel quanto a de concreto. E termina com Pablo Neruda. Lindo!

Mas nem tudo é tão simples (quantas vezes já disse isso?); é preciso escolher um ícone para especificar cada fragmento. “Gosto dessa cobrinha”, diz a responsável pela parte textual. “Não é uma cobrinha”. Mas ela venceu...

Parece tudo pronto, mas faltam *copyright*, créditos, ficha catalográfica. A capa já está definida. Majestosa, olhando-nos lá da tela. Espera compor o objeto.

Próxima etapa do processo de produção: impressão. Renovam-se as inseguranças. Depois da *off-set*, o livro já existe, já pode ser manuseado, lido... Estrear dá um frio na barriga.

Pronto! Que parto difícil! A fórceps? Talvez. Olhamos uma, duas, três... dezenas de vezes. É lindo! O autor, que acompanhou as idas e vindas, parece não acreditar que simplesmente demos aos seus originais uma roupagem. E, presunçosos, concluímos que, aos nossos olhos, a coleção *Artexpressão* iniciou bem sua trajetória. Só que precisamos de aprovação...

Dia 2 de setembro. Lançamento das coleções *Critérios* e *Artexpressão*. Professores, estudantes, convidados chegam e, ao som do Umbando – grupo musical de que ZèCésar participa –, manuseiam os volumes, massageando nossos egos. “Os livros estão lindos”, dizem. Nossos ouvidos só ouvem isso. Será uma filtragem da aprovação tão intensamente buscada?

Passados alguns dias, mesmo envolvidos em novos projetos e em duas novas coleções para as quais vamos canalizar todas as nossas ideias, ainda folheamos *Metrópolis* e achamos que valeu a pena. Aprendemos muito. Com os acertos e com os desacertos. Com as imagens. Com os textos.

Aprendemos que não é difícil construir uma cidade de papel. Com a sua reconhecida modéstia, ZèCésar acha que seus trabalhos nada mais são que “linhas desenhadas com estiletes”. Em linguagem simples – e sendo o bom professor

que é –, ZèCésar ensina a cortar; a escolher o papelão, a retirar com cuidado a primeira camada, a cortá-lo para dar a ideia de relevo...As instruções são claras, mas e a nossa falta de talento?

Uma etapa importante no processo de produção: as imagens reproduzidas no livro são obtidas graças ao trabalho obcecado de um fotógrafo que, preocupado com sombras e perspectivas, não somente registrou a obra de arte, mas também deixou sua marca. Para isso, dezenas de fotografias foram feitas com o fim de atingir a tão almejada perfeição.

Pois bem, essa reprodução do trabalho de ZèCésar nos leva a uma reflexão bastante oportuna (afinal, os candidatos a prefeito e a vereadores berram nos nossos ouvidos seus planos) sobre a cidade. Mesmo de papelão, a imagem provoca uma sensação de angústia: onde anda o cidadão? Escondido? Preso em cubículos? A aridez das imagens nos choca. É essa a cidade que queremos?

Ao discorrer sobre a cidade ideal, ZèCésar deixa claro que não seria difícil transformá-la em real. Medidas simples poderiam transformar a cidade em que vivemos num *locus* de bem-estar. E essas mudanças não estariam somente a cargo de um urbanista; elas dependeriam também dos habitantes, pois “viver na cidade envolve uma relação de muita complexidade”.

Os textos de *Metrópolis*, mesmo fragmentados, têm uma unidade: vão da cidade de papelão, passando por conceitos de cidade, por seus problemas, pela cidade ideal, pelos problemas de cidadania, até chegar à cidade do autor, não sua cidade natal, mas onde ele vive.

Goiânia é descrita com seus problemas e suas singularidades. E, mesmo sem nenhuma declaração explícita, ZèCésar se refere a ela amorosamente. Muitas das suas características nem sequer o incomodam. É a sua cidade.

Em meio a essas reflexões expressas nos textos, advêm as provocadas pelas imagens. “A obra de arte é um discurso, uma locução que sintetiza as múltiplas determinações da realidade. Fala da realidade como só ela poderia falar: todo o universal no particular ali representado de forma singular. Tempo e espaço, presente, passado e futuro. Síntese inigualável”, escreve a prefaciadora. ¶